

artigos

Por que queremos cantar em um grupo vocal?

Crismarie Hackenberg



observatório coral carioca

Produção



Patrocínio



Por que queremos cantar em um grupo vocal?

Crismarie Hackenberg

Toda e qualquer observação livre presente neste texto provêm da combinação de vários pontos de vista contidos na minha história de vida e carreira profissional. Contudo, vou tentar preservar nas entrelinhas o entusiasmo e o olhar de uma apaixonada por música vocal, que descobriu muito cedo o fascínio por grupos vocais.

Atuo como cantora, regente de corais, professora de canto, diretora de grupos vocais e arranjadora há 25 anos, e, desde 2000, tenho a honra de dirigir a “RioAcappella”, uma empresa precursora e promotora do movimento de música *a cappella* no Brasil. Tenho a certeza que a minha experiência dirigindo cantores e grupos vocais, além da minha própria como cantora do grupo vocal BR6, durante 15 anos, me dão um bom panorama sobre o aprendizado e o desenvolvimento dessa arte. Porém, posso afirmar que possuo ainda muitas perguntas sobre esse tema ainda sem respostas. Este texto será uma boa oportunidade para refletirmos sobre a arte dos grupos vocais e suas inúmeras tendências, motivações e histórias.

Desde criança, fui apresentada por meus pais ao incrível mundo dos grupos vocais, e, por conta dessa inspiração quase diária, brincávamos depois do jantar de “família Dó, Ré, Mi” (um antigo seriado da TV da década de 70, com Shirley Jones e David Cassidy). Meus pais não eram músicos, muito menos liam partitura ou escreviam notas musicais, porém, sem saber bem como fazíamos, já timbrávamos, respirávamos juntos e improvisávamos o arranjo com linhas melódicas diferentes dos originais. Acho que posso considerar essa etapa como a minha grande iniciação em grupos vocais. Em 1991, quando me formei em Licenciatura em Música, pelo Conservatório Brasileiro de Música (RJ), escolhi começar a reger meu primeiro coral, o grupo *Viva Voz*. A felicidade não saía mais de mim desde aquele momento.

Como regente de coral, descobri logo cedo que cantores, com frequência, costumam se afastar de grupos corais maiores para ingressar em grupos vocais menores. Desde então, sou uma curiosa pela área comportamental, social e pedagógica, em corais e grupos vocais, e as perguntas se acumulam.

Por que existem pessoas que participam de grupos vocais e cantam neles por até mais de 20 anos?

Por que cantores são completamente diferentes quando cantam, e juntos, conversando, são iguais em qualquer grupo?

Por que são definidas combinações vocais de tamanho e gênero antes de o grupo começar e, depois, não se muda mais?

Por que, em grupos profissionais, é tão difícil manter os cantores em um grupo vocal por muito tempo?

Por que temos dificuldade em substituir cantores antigos, e, ainda, nos adaptarmos rápido a uma formação nova?

Por que muitos corais começam com um grande número de cantores e vão se tornando grupos vocais?

Por que muitos cantores de grupos vocais não gostam de cantar em formações maiores?

Bem, acho que não tenho ainda todas as respostas para essas perguntas, mas acho que já tenho alguns dados e fatos que podem nos ajudar nessa caminhada de reflexão que proponho. *Afinal, por que temos tanto fascínio por grupos vocais e adoramos imensamente fazer parte deles?* Essa pergunta será abordada através de três aspectos, que, no meu entendimento, podem nos explicar esse fascínio: a busca pela excelência, o sentido da originalidade e o encontro com a felicidade.

Capítulo 1: A busca pela Excelência: A Ousadia da Música A Cappella

A Música A Cappella acompanhada por fanáticos nos EUA

Em maio de 2000, assisti a final do mais importante concurso de grupos vocais *a cappella* nos EUA, e talvez do mundo: o *Harmony Sweepstakes Festival*. Oito grupos de até sete componentes, com qualidade indiscutível, campeões de várias regiões dos EUA, se apresentaram ciceroneados pelo grupo vencedor do ano anterior: *Naturaly Seven* (hoje um grupo profissional de imenso sucesso nos EUA e Europa). O concurso *Harmony Sweepstakes* ocorre, até hoje, em um teatro lotado com 5.000 lugares, em São Francisco - Califórnia (EUA), e é organizado há 30 anos sem nunca ter sido televisionado. Com certeza, vem contribuindo decisivamente no aparecimento e amadurecimento da música *a cappella* contemporânea, nos EUA, nas últimas três décadas. Essa experiência de assistir o melhor da música *a cappella* com grupos vocais cantando ao vivo, em um concurso, todos buscando um patamar de excelência em 10 minutos de *performance*, mudou a minha visão sobre música vocal. O nível de seleção é tão alto que todo ano é gravado um CD, ao vivo, do show dos grupos. Inebriada pelo que assisti naquele concurso, não pude deixar de conferir, no mesmo ano, em novembro, o *West A Cappella*

Summit, um congresso para grupos vocais com *workshops* e *shows*, na Califórnia, EUA. Algumas referências estavam lá: Ward Swingle (*Swingle Singers*), Kirby Shaw (arranjador premiado), Raz Kennedy (*House Jacks*), Andrew Chalkin (*House Jacks*), Paul Esperazza (*Toxic Audio*), entre outros.

Nesse evento, me lembro bem do mestre Ward Swingle mostrando as primeiras gravações caseiras com *takes* inéditos do octeto *Swingle Singers*. Tudo ao vivo, com uma qualidade de *performance* impressionante. Ele destacou sua formação musical erudita e popular que o fizeram conceber arranjos vocais fabulosos, unindo a música perfeita de J. S. Bach com o *swing* do *Jazz*. Após essa palestra, recebeu dois corajosos grupos vocais amadores que passariam por um *master class* com o mestre Swingle. Generoso, ele deu toques para os cantores: exercícios para pesquisa de timbres; controle de dinâmica (escolher vogais certas em improvisos); uso do microfone (na altura do queixo); uso dos monitores de palco (exercícios para concentração auditiva); respiração (sempre em forma da vogal "a"). Todos os cantores dos grupos e os presentes saíram maravilhados com tantas dicas do mestre no bolso.



Ward Swingle e o grupo *Swingle Singers* (70)

Andrew Chalkin, ex-percussionista vocal do grupo *The House Jacks*, deu, naquele evento, um excelente curso de percussão vocal para iniciantes e iniciados (eu ainda não sabia o que era percussão vocal até assistir ao *Harmony Sweepstakes*, em maio daquele ano). Chalkin nos mostrou fundamentos básicos de levadas e timbres de bateria, demonstrando que qualquer pessoa que tenha noções de ritmo pode ser um bom percussionista vocal. No meio dos anos 1990, essa nova forma de produzir som nos grupos vocais foi um divisor de águas no mundo a *cappella*, e originou um conceito novo chamado *Vocal Bands* ou bandas vocais a *cappella*. Como o

próprio nome diz, são grupos que imitam arranjos instrumentais variados em diversos estilos (*rock, jazz, disco, etc.*), e possuem um ou mais cantores que fazem percussão vocal, geralmente imitando uma bateria.

Contudo, para mim, a experiência mais importante desse encontro de fanáticos de música *a cappella*, em 2000, foi assistir a uma palestra sobre *performance a cappella* ao vivo. Conheci naquele evento a banda vocal *Toxic Audio*, um quinteto (três homens e duas mulheres), ganhador do *Harmony Sweepstakes* daquele ano. No *workshop*, eles nos mostraram que a excelência em música *a cappella* é fruto de muito trabalho árduo. Antes do concurso, eles tiveram a chance de cantar nos parques da *Disney World*, durante um ano inteiro (cinco vezes ao dia, cinco vezes por semana). Esse domínio do grupo em *performance* ao vivo gerou a melhor palestra do congresso: simularam problemas de som no palco durante os *shows*, abordaram o melhor e o pior sobre o posicionamento de cantores no palco e ainda deram uma aula de comunicação e *marketing* para artistas, mostrando como sugestionar a plateia com desafios musicais e jogos. O mais espetacular é que eles demonstravam o certo e o errado da forma mais didática possível, com seus próprios erros. Outro tema abordado pelo grupo *Toxic Audio* foi a expressão *High Energy Performance*, que quer dizer “Alta Energia em *Performance*”. Segundo eles, essa expressão significa a energia que um artista deve concentrar e expandir no palco e na plateia através do corpo e da voz. Esse conceito é muito importante na música *a cappella*, porque, nesse estilo, musical os cantores são artistas absolutos. Não há nada mais no palco além de cantores, microfones e garrafas de água. Um desafio muito atraente para cantores que improvisam com conhecimento de harmonia e experiência instrumental.



Toxic Audio

O *Toxic Audio* recebeu convite para realizar uma temporada *Off-Broadway*, em um teatro de Nova Iorque, em 2004, fruto desse talento vocal extraordinário e uma enorme capacidade de improvisação no palco. Até hoje,

nenhum outro grupo vocal *a cappella* conseguiu esse feito. Com eles, aprendi que a excelência pode habitar na brincadeira e na improvisação, somente depois de muito domínio técnico. E isso só poderia vir através da repetição em ensaios e de muito trabalho árduo. O *West A Cappella Summit* é realizado até hoje, em San Raphael, Califórnia, pelo meu amigo John Neal, dono da *Singers.com*.

A “RioAcappella” e a Música Popular Brasileira A Cappella

Com certeza, essa viagem ao centro da música *a cappella* contemporânea me introduziu a um mundo novo. Milhares de pessoas fanáticas e envolvidas com música *a cappella* em todo o mundo mudariam meu destino para sempre. Voltando ao Brasil, criei a empresa “RioAcappella”, junto de meu amado parceiro, Cylan Delgado. Fundamos o grupo vocal *BR6* com amigos loucos por música *a cappella* e me tornei *Ambassador* da “Organização CASA” (*Contemporary A Cappella Society*). Ao longo desses últimos 16 anos, a empresa se consagrou com projetos importantes e inéditos na área da música *a cappella*, aproximando artistas profissionais e amadores do mundo fonográfico e do conhecimento acadêmico. Pudemos fazer parte de uma comunidade internacional de música *a cappella*, e desenvolver uma missão educacional e artística inédita: fomentar e divulgar o canto contemporâneo *a cappella* no Brasil, e divulgar essa música *a cappella* brasileira no mundo. Desenvolvemos fóruns, festivais, encontros vocais, *workshops*, projetos musicais, entre outras atividades e fomos pioneiros no encaminhamento de carreiras artísticas para grupos vocais *a cappella* no Brasil. Entre 2004 e 2014, realizamos quatro lançamentos fonográficos, todos com premiações renomadas no exterior, e ainda oito turnês internacionais com o grupo vocal *BR6*.



BR6

Em 2012, fomos agraciados com a realização de dois projetos culturais importantes: “BR6 CONVIDA” - música *a cappella* com artistas da MPB - patrocinado pela Eletrobras, e o “FESTRIO VOCAL”, evento de música *a cappella* internacional, realizado no Rio de Janeiro, que teve o patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro e do Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro (CCBB/RJ). Nesse ano, com cobertura televisiva e apoio nas redes sociais, conseguimos mobilizar inúmeras pessoas para comparecer ao festival e para cantar *a cappella*, na rotunda do CCBB do Rio de Janeiro. Essa ação mobilizadora – inédita - se transformou em duas mobilizações culturais da cidade, na época do Natal, em 2012 e 2013. Esse evento, chamado “MOB DE NATAL”, chegou a envolver nas duas edições, mais de 1.000 pessoas cantando *a cappella*.

A experiência profissional que desenvolvemos em todos esses anos, através de produções inéditas de eventos, projetos, mobilizações, viagens internacionais, projetos de rádio e televisão, é fruto de muito trabalho e determinação de todos os envolvidos. Sempre agradeço imensamente a todos aqueles que nos apoiaram, trabalharam, divulgaram, produziram conosco nesses últimos 15 anos, e, como nós, acreditaram que sonhos podem virar metas e se materializar. Temos a certeza absoluta que contribuimos para transformamos um sonho *a cappella* no Brasil em realidade. Se você, que lê esse texto, esteve em algum dos nossos eventos saiba que sua contribuição e sua confiança foi insubstituível para nós.

BR6: arte, mercado e a tecnologia na música vocal

“A trajetória do BR6 se confunde com muitas histórias de grupos vocais brasileiros: amigos cantores que conhecem outros cantores e se juntam para fazer música vocal. Na contramão de tantos outros que a realizam com voz e violão, o grupo - 6 músicos, cantores e arranjadores com formação musical apurada - foi buscar a forma mais ousada de fazer música vocal: a arte de cantar sem instrumentos”. O release do grupo vocal BR6 sempre começava com essas palavras, e realmente não o mudamos nesse tempo todo, pois sempre fomos amigos, loucos por música vocal e realmente influenciados pela história de várias gerações de grupos vocais brasileiros, como *Os Cariocas*, *Céu da Boca*, *Boca Livre*, entre outros, e pelo famoso grupo *Take 6*, com seu primeiro disco lançado no início dos anos 90 (gravação que mudou o rumo da música vocal no planeta).

Hoje, o grupo está adormecido, cada um dos integrantes está investindo em outros horizontes profissionais. Nesses 16 anos de existência, fomos muitos “beerres”: Eu, Crismarie Hackenberg (mezzo), Deco Fiori (tenor), Symô (baixo), André Protasio (barítono), Sérgio Sansão (ainda BR5), Marcelo Caldi (tenor), Eduardo Braga (tenor), Marcelo Manes (percussão vocal), Augusto Ordine (barítono), Naife Simões (percussão vocal) e

Fabiano Salek (percussão vocal). Grandes amigos e irmãos na música, unidos por todas as histórias e discos que fizemos juntos. As casas em que morei foram todas escolhidas para poder montar estúdios de gravação e ensaios para o BR6. Durante mais de uma década, ensaiamos duas ou três vezes por semana, e ainda posso me lembrar das gargalhadas, acordes, das conversas em torno da mesa, viagens maravilhosas, bastidores, hotéis, noites inteiras de mixagem, alegrias, tristezas, cantorias, toda uma vida de amor e dedicação à música *a cappella* brasileira. Com certeza, pudemos fazer o nosso melhor artístico, porque tínhamos um estúdio a nosso dispor para ensaios e gravações, além de uma inabalável dedicação de fazermos o melhor possível. Cylan Delgado, por ter nos oferecido todo o seu conhecimento em matemática e sua formação em engenharia de áudio e gravação, era o nosso “BR7”. Não tenho dúvida que só conseguimos gravar todos os nossos quatro CDs porque investimos em um *home-studio* e apostamos alto na independência do nosso trabalho artístico. Buscamos a excelência em cada CD, em cada ensaio, em cada *show*, e tivemos muitos ganhos artísticos e *everests* pessoais. Uma história que valeu cada minuto!

A carreira do BR6 começou em 2000, no mesmo ano em que o Napster invadiu o mundo e colocou o mercado de discos em ruínas. Nessa época, a *internet* ainda estava começando a ganhar força e não tinha a força de venda do *e-commerce* dos tempos atuais. Gastamos quase toda a nossa energia e tempo de trabalho buscando a excelência e a qualidade em ensaios, gravações e nos *shows* ao vivo. Dessa forma, pudemos compreender que grupos vocais precisam de toda a ajuda possível na organização estratégica de carreira e produção fonográfica, pois uma parte bem grande do tempo do grupo é gasto com ensaios e *performance*. Conhecendo o nível de dificuldade dos arranjos do BR6, fica fácil para qualquer um imaginar que realmente não gastávamos muito tempo discutindo estratégias de venda e divulgação por *websites* e redes sociais. O tempo que tínhamos sempre foi usado, quase exclusivamente, com a música. Por outro lado, o BR6, através da “RioAcappella”, conseguiu, em uma década, formar um bom *networking* nacional e internacional de música *a cappella*, a partir do lançamento do CD “*Here to Stay - Gershwin & Jobim*”, em 2007. Esse disco foi vencedor do prêmio CARA (*Contemporary A Cappella Recorded Award*) de melhor disco *a cappella* do ano, na categoria “*Jazz Album*”. Concedido pela organização mundial de música *a cappella* (CASA – *Contemporary A Cappella Society*), esse prêmio nos projetou na comunidade internacional, o que gerou muitos convites em festivais, viagens internacionais, intercâmbio, gravações de *jingles*, participações em programas de TV e rádio.

Olhando essa trajetória de sucesso do BR6, podemos perceber uma coerência entre a missão artística do grupo e a missão pedagógica do fomento cultural. Reverenciamos a música vocal nacional com nosso talento e criatividade, e ainda fortalecemos essa cultura, provocando a existência de um mercado para a música *a cappella* brasileira. Nesse caminho, o BR6 se somou ao esforço de muitos grupos vocais *a cappella* que nasceram na mesma época e se juntaram aos eventos da “RioAcappella”: *Barbatuques*, *Be Bossa* (antes *Baldeação Rio*), *Gogó*

Boys (antes *Bombando*), *Cinco a Seco* (DNA originário do grupo *Ordinarius*), *Mulheres de Hollanda*, *Banda de Boca*, *Perseptom Banda Vocal*, e tantos outros. O *BR6*, nesse contexto da música vocal, se destacou como pioneiro na arte de fazer música popular brasileira sem instrumentos e obter um grande reconhecimento. Foram nove prêmios internacionais concedidos pela organização mundial de música *a cappella* CASA (*Contemporary A Cappella Society*) e pela associação de críticos independentes *a cappella* RARB (*Recorded A Cappella Review Board*), abrindo estradas para novas gerações que ainda certamente virão.

BR6 canta “Linha de Passe” (Música Popular Brasileira Vol. 1)

<https://www.youtube.com/watch?v=HRDKhDY99Lk>

A TV e as redes sociais descobrem a música *a cappella* - “Glee”, “Perfect Pitch” e “Sing Off”

Em 2010, exatamente dez anos depois da criação da “RioAcappella” e do *BR6*, e trinta anos depois do primeiro concurso do *Harmony Sweepstakes*, algo determinante acontece para catapultar a explosão da música *a cappella* no mundo: a cultura popular mundial começou a consumir música em *iPods*, *downloads* e redes sociais, e a *internet* desempenha um papel de enorme importância no nascimento dessa inesperada popularidade mundial dos grupos vocais *a cappella*. Se não fosse pela *internet* e os vídeos virais, o gênero da música *a cappella* não seria tão bem sucedido, como foi a partir de 2010. Nesse período, acontece uma explosão de consumo de grupos vocais *a cappella* e eles se tornam rapidamente populares em programas de TV, concursos e filmes temáticos. Apesar desse sucesso repentino, a tradição de grupos vocais *a cappella* existe há quase um século em campus de universidades e escolas americanas, mas, nesse período, a *internet* permitiu a propagação rápida das idéias, da técnica e da música para um público que jamais fora alcançado antes. Portais, como *YouTube* e *iTunes*, tornaram-se indispensáveis para a divulgação da música *a cappella* contemporânea na atualidade.

Esse sucesso coloca em evidência algo que muitos artistas da música *a cappella*, como eu, almejavam há décadas, inclusive meu grande amigo Deke Sharon, que, por mais de 15 anos, esteve à frente da presidência da organização CASA. Sharon, que já tinha trabalhado há uma década como arranjador e diretor de todos os grupos vocais *a cappella* dos parques da Disney, além de ter sido fundador da CASA e do grupo vocal *House Jacks*, agora estava sendo convidado para viver seu maior desafio: colocar a música dos grupos vocais *a cappella* na TV. Ele foi convidado para fazer todos os arranjos vocais de um novo programa da Rede NBC.

Seguindo a tendência das redes sociais, a NBC estreou o programa “*The Sing-Off*”, em dezembro de 2009, arriscando grupos vocais na TV em uma competição ao vivo. A música *a cappella* estava começando a ser experimentada pelo grande público e recebendo mais atenções do que o normal. O *show* colocava 10 grupos vocais *a cappella* frente a frente, com idades e níveis de experiência diferentes, para realizar uma competição. Quem fosse votado pelos jurados e pelo público chegaria até o programa final. O programa lembrava constantemente aos telespectadores que os grupos só faziam isso com suas vozes, e o público reagiu bem, aparecendo em grande número nos estúdios de gravação. O sucesso de programas musicais, como “*American Idol*” e o seriado de TV “*Glee*” foi, com certeza, um impulsionador para esse investimento da rede NBC. O mercado de música *a cappella* ganhou *tonus* para novas edições e mais investimentos, quando uma gravação no seriado “*Glee*” atingiu quase 11 milhões de telespectadores, e entrou no topo da parada digital da *Billboard*. “*Teenage Dream*”, de Darren Criss, na voz do grupo *Warblers*. No seriado, quem canta são os cantores do excelente grupo vocal *Tufts Beelzebubs*, da *Tufts University*, em Boston, MA, que, em janeiro de 2012, estiveram no Brasil para um *show* e um *workshop* no CCBB/RJ, com o apoio da “RioAcappella”.

A explosão da cultura *a cappella* ainda estava em ascensão, quando o filme *Pitch Perfect* estreou, em 2012. Deke Sharon, mais uma vez, tinha um desafio enorme: montar a equipe da direção musical, vocal e de arranjadores que iriam gravar os grupos vocais do filme. A película sobre grupos universitários *a cappella* teve um público surpreendentemente alto nos EUA, e se tornou um sucesso mundial com o compartilhamento da canção “*When I’m Gone*”, cantada *a cappella* por Anna Kendrick, em uma cena com um copo em que ela faz um acompanhamento ritmico - o videoclipe “*Cups*” da canção do filme já teve nada mais nada menos do que 315 milhões de visitas. Contudo, o sucesso maior na TV, para a música dos grupos vocais *a cappella*, ainda viria com o lançamento do grupo *Pentatonix*. Vencedores de do programa “*The Sing Off*”, em 2011, o grupo se catapultou para além da TV. Eles viraram um sucesso *on-line*. Seus vídeos alcançam consistentemente dezenas de milhões de exibições e seus álbuns dispararam nas paradas. Os *Pentatonix* elevaram a forma, a estética, a *performance* e os arranjos da música *a cappella* contemporânea às alturas. Algo sem precedente. Sua combinação de *close harmony* e arranjos de influência eletrônica acabou por ser a fórmula secreta para se conectar com ouvintes modernos. Seus *medleys* inteligentes e oportunos são perfeitamente adequados à geração internet. Em um mundo de música fortemente plastificada e modelada em fábrica, eles encontraram uma maneira pura, mas relevante aos ouvidos modernos.

Se você me perguntar por onde anda Deke Sharon, que esteve no “FestRio Vocal”, como palestrante, e com seu grupo *House Jacks*, posso dizer que a última vez que falei com ele pelo *Skype*, ele estava na Ásia

lançando os programas “Sing-Off”, na China e em Singapura. Passando a atuar como produtor do “Sing-Off” e na direção executiva do “Perfect Pitch 2”, ele teve que deixar o *House Jacks* e a direção da CASA. Fico feliz que ele esteja dirigindo e capitaneando todas essas produções de música *a capella*. Ninguém melhor do que ele fez tanto pelo aperfeiçoamento dos cantores de grupos vocais *a cappella* no mundo.



Grupo Pentatonix

TV Brasileira – Concurso A Cappella no Programa do Faustão

No embalo das redes sociais e do sucesso de público da TV americana, com o programa “Sing-Off” e o grupo *Pentatonix*, a Rede Globo se inspirou para criar um programa original de música *a cappella* na programação de 2016, dentro do “Programa do Faustão”. O programa foi ao ar entre fevereiro e março daquele ano, e contou com a consultoria artística da “RioAcappella”. Foram três meses de trabalho muito intenso. Afinal, estávamos fazendo o primeiro programa de grupos vocais *a cappella* da televisão brasileira, para um público de 20 milhões de pessoas. A seleção ampla de grupos *a cappella* revelou oito grupos potenciais com carreira semiprofissional, e que representavam diversos estados do país. Os grupos foram escolhidos para viver uma competição ao vivo, onde o público votava para o seu grupo preferido continuar na competição, voltando nos próximos programas. A direção geral de Aldo Picini e a competência de toda a equipe de produtores do programa nos proporcionaram uma experiência profissional ímpar. Fiz parte dessa equipe musical como consultora e diretora vocal, junto com o meu amigo-irmão do BR6, Deco Fiori (arranjos e direção vocal) e do sensacional cantor e produtor Silvera (direção vocal). Nossa equipe musical foi capitaneada pela talentosíssima dupla: Jair Oliveira e Wilson Simoninha.

Junto da equipe musical, tínhamos coreógrafos, preparadores corporais, produtores, figurinistas, cenógrafos, maquiadores, engenheiros de som e áudio, diretores de imagens, editores de imagem. Ou seja, tudo para fazer o nosso melhor e buscar a excelência da MPB *a cappella* na TV.

Nossa joia no programa, além de todo o aprendizado diário com uma equipe de mais de uma centena de pessoas, foi o convívio com os cantores e o acompanhamento de todo o processo de evolução dos grupos a cada semana. Música *a cappella* é uma arte de ousadia, de alta energia, de improvisação, de domínio técnico, de comunicação, e principalmente de equilíbrio emocional durante a *performance*. Aprendemos muito sobre gestão de tempo, e percebemos que excelência e produtividade não andam necessariamente de mãos dadas, quando falamos de arte. Grupos vocais *a cappella* precisam de tempo para assimilar e maturar arranjos vocais até que a *performance* realmente deslanche. Programas de competição musical na TV tem esse desafio: o aprendizado humano tem seu próprio tempo e a preparação acaba ficando bem apertada, o que pode gerar um pouco de ansiedade nos cantores envolvidos. No programa “A Cappella”, todos nós da equipe nos empenhamos muito para que cada grupo vocal e cada cantor rendesse no dia da *performance* ao vivo tudo aquilo que eles tinham conseguido fazer com graça e relaxamento durante a semana. Manter a estabilidade emocional em uma competição, cantando em um grupo *a cappella*, não é algo simples. Qualquer cantor pode ter um pico de ansiedade e desencadear insegurança no grupo, tirando a confiança e a qualidade de todos os outros durante uma *performance*.

Realmente, nos bastidores do programa, pudemos trabalhar bastante o autoconhecimento pessoal, com atividades de gerenciamento de ansiedade e estresse, intervenções e exercícios motivacionais. Porém, observamos muita ansiedade presente nos cantores no dia da *performance* ao vivo. Com o treinamento contínuo vivido pelos escolhidos que foram prosseguindo no programa, observamos que a ansiedade diminuía logo no começo das apresentações. Sinal de que existe um fator cognitivo (aprendizado) dentro de situações conhecidas. Superamos juntos a temperatura muito baixa do estúdio frio, a sonorização de cantores que nunca tinham cantado antes com microfones, grupos que nunca tiveram direção cênica, cantores com pouca experiência de solos, entre outras adaptações. Além disso, tivemos que quebrar a cabeça para encontrar a melhor sonoridade para um programa ao vivo de música *a cappella* na TV. Sim, o programa “A Cappella”, no “Programa do Faustão” era ao vivo. Um desafio enorme, pois o *Sing Off* da NBC era todo gravado e editado. Somente a final era ao vivo. Sobre esse tema, a consultoria de Cylan Delgado, engenheiro de som do BR6, e a competência máxima da equipe de áudio da Rede Globo foram decisivas para que fossem encontradas soluções rápidas e precisas para cada dificuldade. Cada domingo, um aperfeiçoamento e um novo aprendizado. Éramos uma equipe de quase 120 pessoas buscando a excelência em todos os minutos, sempre pensando em melhorar a cada novo programa. Minha gratidão e admiração será eterna pelo convite que me foi feito pelo grande diretor de TV, Aldo Picini, e

pelo engajamento de tantos grupos vocais regionais, com histórias e carreiras artísticas dentro da música *a cappella*. Vivemos algo inédito na produção desse programa de TV e muito importante na renovação de público para essa arte no Brasil. Para os artistas, os grupos, essa experiência trouxe um legado de coragem, ousadia e divulgação. Todos os grupos vocais saíram mais conhecidos do que entraram no programa. Tiveram divulgação no programa, em redes sociais, levaram *clips*, vídeos, fotos, entrevistas, ideias para figurinos, coreografias para suas músicas, arranjos novos e muita experiência profissional por ter sido olhado, tratado, analisado e amparado pela equipe. Fomos arremessados para um inédito patamar profissional de *show business*. Sendo tudo isso produzido e realizado em três meses. O ganhador, segundo o público, foi o grupo *Vocal 5* (RS), mas, para mim, todos foram ótimos e serão inesquecíveis: *Os Carcarás* (RN), *Subversos* (RJ), *Alma de Gato* (MT), *MP7* (BA), *Negros e Vozes* (RJ), *Set Black* (DF) e *Onix* (SP).



Final do programa *A Cappella*: *Set Black*, *Vocal 5* e *Onix*

Os dilemas de competição e perfeccionismo na música vocal

Assistindo aos filmes *Perfect Pitch* e sua continuação *Perfect Pitch 2*, inspirados em competições anuais de grupos vocais *a cappella* universitários nos EUA (conhecidos como *Collegiate Groups*), observamos que os dois roteiros demonstram uma enorme competição e inimizade entre os grupos participantes, gerando emoções na plateia como em filmes do velho faroeste. Temos mocinhos e bandidos, duelos e uma enorme rivalidade entre as equipes. Realmente, a sociedade americana é muito competitiva, e essa linguagem de duelo colocada em cenários de grupos vocais como “adversários” provoca uma enorme tensão em cena. Os grupos são separados

pelas rivalidades das fraternidades universitárias, e podem ser estimulados pela direção do espetáculo para serem ainda mais hostis, visando ao aumento do íbope e de possíveis identificações de estilo com o público.



Cena do filme *Pitch Perfect 2* (A escolha perfeita 2)

Quando comparado ao filme *Do It A Cappella*, de Spike Lee, de 1988, onde duelos vocais são retratados, não se encontra esse clima de medo e intimidação entre os cantores, mas um passeio de estilos diferentes e originalidade. Com minha vivência em eventos de grupos vocais em diversos países do mundo, e com a vívida experiência em um programa de TV brasileiro, como o “A Cappella”, do “Faustão”, posso afirmar que nós brasileiros somos diferentes. Podemos realizar desafios incríveis com força de luta e garra, mas encontraremos uma enorme dificuldade de colocar cantores em atitude de desafios e rivalidade competitiva como gladiadores. Em nossos desafios musicais, como os concursos de paródias e repentes, o tom de humor, deboche e camaradagem instala-se facilmente. Foi assim também em nosso programa de TV. Os risos, os movimentos engraçados de provocação e todo o humor envolvido foi para nós um grande aprendizado sobre nossa cultura brasileira inclusiva, amistosa e generosa. No programa brasileiro, ficou clara a dificuldade de se manter um olhar de competição, quando convivíamos semana a semana juntos e misturados, como irmãos na música *a cappella*, compartilhando histórias inesquecíveis. Todo domingo, sofriamos ao ver grupos deixando o programa. O choro era grande, e a emoção de ficar ou sair não era fácil pra ninguém. Nós brasileiros realmente vestimos a música com valores humanos da congregação: companheirismo, celebração, solidariedade, generosidade e humanidade. Tudo sempre acabava em festa nos bastidores, antes e depois do programa. Todos os grupos que saíam eram saudados com gritos de louvor e honra pelo melhor que tinham feito. Com essa experiência, aprendi que propósitos de desenvolvimento humano e social em grupos vocais precisavam ser mais importantes do que a

incessante busca pela qualidade vocal a qualquer preço. Sem isso, podemos nos perder na vaidade, no egocentrismo e na competição, até mesmo interna entre os componentes de um grupo.

Capítulo 2: Em busca da Originalidade e da Felicidade

Canções originais nas vozes dos grupos vocais

Existem canções arrebatadoras que entram em nossa mente e não saem mais. Existem arranjos maravilhosos que entram em nosso coração e não saem mais. Existem vozes que ouvimos e entram em nossa alma, e não saem mais. Existem momentos mágicos: canções lindas que aparecem em arranjos perfeitos cantados por vozes inacreditáveis. Nesse momento, o mundo para e ouvimos 1 milhão de vezes, para não esquecer jamais. Acho que **é nessa hora em que temos vontade de entrar em um grupo vocal, para cantar essas pérolas vocais!** Talvez essa seja a minha razão para ter entrado em grupos vocais, quem sabe é uma possibilidade de resposta para a pergunta no título deste texto. Você se lembra de alguma canção assim? Uma música original que chegou aos seus ouvidos com um arranjo vocal espetacular com vozes lindas? Eu tenho duas canções que me marcaram muito.

Música: “Em direção do Dia” / “Toada” (Gravação Boca Livre)

<https://www.youtube.com/watch?v=jc8n76mnyvM&list=RDjc8n76mnyvM#t=0>

Música: “Porto” / “Ilariê” (Gravação MPB 4)

https://www.youtube.com/results?search_query=porto+caymmi+mp4

Gosto sempre de me desafiar e lembrar de alguma música que conheci pela primeira vez e amei, por causa do arranjo vocal ou do som das vozes. Aqui, ouvimos duas canções que me marcaram muito. Com certeza, a canção “Na Direção do Dia” (conhecida como “Toada”), lançada pelo grupo vocal *Boca Livre*, seria uma obra totalmente diferente se não tivesse o luxuoso arranjo vocal de Maurício Maestro. Já na gravação de “Porto” (conhecida como “Ilariê”), a canção seria outra música sem o som divino de uníssono do grupo vocal *MPB 4* e o impressionante arranjo vocal de Antônio José Waghaby Filho (Magro). Quem diria que uma música poderia ser cantada com um vocalise, um dialeto com poucas palavras (ilariê...ilariê o nioná ilariê...), e falar tão dentro de

nosso coração. Depois de ouvi-las e amá-las, fica mais difícil imaginar ou até gostar de outras versões. Dentro desse contexto, podemos dizer que o arranjo vocal e os grupos vocais podem influenciar irremediavelmente uma composição, transformando-a em uma obra de arte ímpar. André Protásio, querido amigo, arranjador e criador do grupo *Equale*, e um dos fundadores do *BR6*, costuma dizer: “a história da música popular brasileira se mistura muito com a elaboração de arranjos vocais e a sonoridade de grupos vocais”. Foi assim com Carmem Miranda e o vocal do *Bando da Lua*; *Os Cariocas* com a Bossa Nova desenhada pelos vocais quase sinfônicos; o *MPB 4* e seus vocais com Chico Buarque nos Festivais dos anos 1960; *O Boca Livre*, além de suas composições próprias e arranjos requintados de Mauricio Maestro, também foi coadjuvante em várias gravações, como a conhecidíssima “Canção da América”, um dos grandes sucessos da carreira de Milton Nascimento e Fernando Brant.

A sonoridade dos cantores: a marca digital dos grupos vocais

Sonoridade em grupos vocais é um tema que fascina qualquer diretor vocal. Toda pessoa começa a cantar porque imita alguém que canta, e essa inspiração é uma conexão sonora de fora para dentro. Eu sempre tentei imitar as vozes solistas que ouvia no rádio e nos LPs: fiz duetos com Clara Nunes, Karen Carpenter, Diana Ross, Ella Fitzgerald, Vicky Leandros. Todas essas divas me ensinaram que mulheres têm personalidades diferentes e têm seu valor próprio, a partir de sua essência pessoal. Na vida adulta, aos poucos, essa busca passou a ser mais de dentro para fora. A personalidade vocal foi se formando em gravações de solos, nas possibilidades tímbricas em harmonizações em grupo e, principalmente, quando nos colocamos no lugar de desenvolver outras pessoas. Como professora de canto por 25 anos, e mesmo como diretora vocal, frente aos grupos vocais e corais de empresa que dirijo, sempre estive imbuída de minha missão em preparar meus cantores para serem eles mesmos e plenos. A experiência de ter cantado com cinco homens em um grupo vocal, por muitos anos, sem outra voz feminina para timbrar, também me deu essa chance de desenvolver a minha personalidade vocal, mesmo cantando em grupo.

A sonoridade em grupos vocais significa dizer a personalidade sonora de um grupo vocal. Quando ouvimos “*Mary*” de *Take 6*, pela primeira vez, sentimos um *imprint* sonoro, que nos cativa e nos alimenta. Vamos querer ouvir aquela gravação novamente, querendo sentir aquela presença novamente. Poderíamos falar muito sobre a sonoridade dos grupos vocais espalhados do mundo, e tentar entender a relação entre o som da língua, o jeito de ser e a cultura do povo, e sua influência na sonoridade vocal. Prefiro ficar com uma reflexão sobre a sonoridade em grupos vocais brasileiros e a enorme influência de nosso jeito de ser na produção vocal. “*Quando falamos em Brasil, somos imediatamente remetidos a uma ideia ou sensação de descontração, alegria, balanço, calor, informalidade. São características marcantes do nosso povo, do nosso clima, do nosso jeito, enfim, do nosso país*”, era o

que dizia Deco Fiori, cantor e diretor vocal de grupos vocais, fundador do BR6, quando abordava esse tema em nossos últimos *workshops* de música *a cappella* brasileira. A originalidade brasileira dos arranjos e da sonoridade sempre foi um valor para o BR6. Não imitávamos outros grupos vocais e sempre cantamos uma música que todos amam e admiram, mas não se arriscam muito em fazer. Buscávamos nosso som gravando muito, ensaiando muito e como diria o Symô, baixo vocal do grupo e fundador do BR6, “...o importante é amalgamar o som”. Para os grupos vocais iniciantes que estão buscando essa sonoridade: as gravações são fundamentais nesse processo, porque os grupos podem ouvir de fora sua sonoridade e aprender com esse *auto-feedback*.

Dentro dessa perspectiva da originalidade em grupos vocais, a importância da sonoridade ímpar e única é algo vital para lançar um grupo no mercado de música *a cappella*. Para grupos vocais de MPB, fica o conselho que sempre ouvi de Deco Fiori, “a nossa sonoridade vocal está na direção da palavra cantada, do som da nossa língua, do ritmo do nosso povo. Se nosso caldeirão de sons comporta uma infinidade de ritmos e estilos, devemos adaptar nossa técnica vocal para que o nosso canto traduza essa brasilidade”.

“Mary” (Gravação: Take 6)

<https://www.youtube.com/watch?v=ZVRgoNv1lk0>

A escolha de Sofia: ser crítico ou ser feliz

Como diria o poeta Ferreira Gullar: “Não quero ter razão. Eu quero é ser feliz!” Colocando essa frase no contexto da música vocal, poderíamos dizer que: melhor do que querer estar afinado o tempo todo é ser feliz cantando. Realmente, esse medo que muita gente tem de não poder desafinar está ligado ao hábito de se autocriticar continuamente durante a *performance* vocal. Muitos podem ficar neuróticos com o excesso de medo e a intensa atenção seletiva em defeitos pessoais e inseguranças. Muita gente sai de grupos vocais porque não aguenta o estresse das exigências coletivas e as críticas pessoais. Se nos aprofundarmos nesse tema sobre crítica e aprendizagem, veremos que o melhor a fazer nesses casos é sair do lugar de “ser crítico” e migrar rápido para o estado mental de “ser aprendiz”. Fica uma dica, para quem tem esses erros cognitivos de pensamento: crie um novo hábito para salvar sua saúde emocional. Repita logo depois de um erro: “Falhei, tá falhado, não se falha mais nisso”. Costumo ensinar isso para todos os meus alunos cantores e coralistas. Errar faz parte do processo do fazer e do saber. Como artistas, precisamos nos libertar dos medos de aprender na frente dos outros.

A felicidade de cantar além da estética musical e do perfeccionismo

Quem costuma estar envolvido em trabalhos com grupos vocais em empresa e/ou com a preparação de grupos vocais independentes e amadores percebe, com frequência, que um fenômeno especial de alegria e encantamento acontece com cantores não músicos, quando estes cantam e harmonizam juntos. No caso de grupos vocais, cada integrante que se envolve, e se apaixona completamente pelo seu grupo, oferta ao coletivo seus melhores recursos internos: suas habilidades, suas forças, suas virtudes, seus talentos, sua atenção e sua existência, naquele instante de ação. Tornar essa experiência feliz e o grupo mais consciente dessa felicidade é uma ação muito importante para a motivação de cantores. A felicidade de cantar com amigos, em casa, na empresa, no auditório, numa sala de reunião, em alguma sala aconchegante, e, ao final, ter um lanche gostoso para confraternizar; para muita gente é o “planeta felicidade”. Realmente, a rede de relações significativas que um grupo vocal pode construir dentro de uma empresa, ou aproximar pessoas adultas de amigos novos para toda a vida, nos dá a sensação de que todos nós, na verdade, encontramos muito mais do que música nos ensaios em nossos grupos vocais. Encontramos um sentimento de abrigo, proteção e aceitação. Por isso, a música é uma grande aliada no fomento das emoções positivas. As emoções positivas em quantidade alta serão fundamentais para enfrentarmos situações desafiadoras em grupos vocais como apresentações, aprendizados novos e adaptações a novos cantores.



Emoções positivas no Canto Coletivo

Nos dias atuais, dirijo dois grupos vocais, e desenvolvo projetos de qualidade de vida em corais de empresa, treinamentos motivacionais com música, e estudo alguns fatores de cognição e plasticidade emocional (mudança de humor) em cantores, a partir da experiência de cantar em grupos vocais e corais. Além das formações musicais acadêmicas que tenho, sou também especialista em Psicologia Positiva (UCAM) e Neurociências Aplicadas a Aprendizagem (UFRJ). Em 2016, lancei um programa de emoções positivas com música e um curso de neuroeducação para cantores. Junto com meus grupos de cantores, desenvolvi e testei o programa “Voz Positiva”. Os resultados dessa pesquisa e a metodologia do programa foram lançados em um capítulo do livro “Psicologia Positiva: Teoria e Prática”, lançado pela Editora Leader. O programa oferece um programa científico de inoculação de emoções positivas em grupos vocais, corais e salas de aulas de canto, com a medição de retenção de positividade com o uso da escala Fredrickson. Os resultados iniciais desse programa demonstram que cantores de grupos vocais com retenção consciente de emoções positivas apresentam um aumento significativo da resiliência. Isso coloca o processo vocal coletivo, seja em corais ou em grupos vocais, dentro de um cenário de reabilitação de saúde e desenvolvimento emocional. Com esse programa, podemos provar cientificamente que existe um ganho real emocional na prática vocal coletiva, e que as emoções positivas podem atuar potencializando diversas áreas da saúde, como controle da frequência cardíaca, controle da pressão arterial, foco, retenção de aprendizagem, empatia, comunicação, entre outras. Para os interessados no tema, recomendo a leitura da publicação “*Music, Neuroscience, and the Psychology of Well-Being: A Précis*” de Adam M. Croom (2012), apoiada pelo Centro de Psicologia Positiva da Universidade da Pensilvânia/EUA.

Conhecendo as emoções positivas em grupos vocais amadores

As emoções positivas: Alegria, Orgulho, Gratidão, Serenidade, Interesse, Esperança, Diversão, Inspiração, Admiração e Amor, são as destacadas nas pesquisas da psicóloga Barbara Fredrickson. As emoções positivas são contagiantes em grupos vocais e corais. A vibração da positividade aparece no rosto dos cantores, nas vozes volumosas, nas gargalhadas, no lanche, permeando a rede humana de integração. O regente/diretor vocal, o líder do processo, deve ser alguém que emane e inocule emoções positivas através de sua voz, do seu corpo e do seu campo emocional. O amadurecimento emocional desse líder, nesse caso, será fundamental para o equilíbrio do grupo. Tudo que é observado é capturado e contagiado nesse processo, seja em um olhar de orientação de reconhecimento ou em *feedbacks*. A compaixão do líder e a empatia pelos diversos meios envolvidos, tanto

cantores como músicos, serão fundamentais para que as emoções positivas do processo possam ser transformadas em alinhamento de valores, descobertas de forças do grupo e a potencialização de bem-estar.

Emoções positivas em atividades de música vocal em empresas também são abundantes e continuamente disponíveis nos ensaios. Nos dias de hoje, dado os tamanhos enxutos dos corais de empresa, às vezes encontramos grupos com menos de 12 cantores, que nos levam a um entendimento dinâmico-pedagógico similar ao de grupos vocais amadores. Dessa forma, vou aprofundar aqui um pouco o tema grupos vocais, incluindo também os corais de empresa, pois o assunto pode ser pertinente para qualquer atividade de música vocal, seja coral de empresa, independente, profissional ou amador.

Há muito tempo, percebo a presença de emoções positivas em meus corais e grupos vocais. Infelizmente, no dia a dia das metas musicais, não nos damos conta do quanto a experiência sonora de cantar promove estados mentais que beneficiam o foco de atenção, ativa hormônios e processos neuroquímicos, provoca plasticidade emocional e muda comportamentos. Acredito, hoje, mais do que nunca, que esses benefícios provocados pela música vocal precisam ser retidos conscientemente.

Vejamos alguns exemplos de emoções positivas destacados abaixo, revelados na pesquisa que realizei com cantores de grupos vocais no programa “Voz Positiva”:

1) O ensaio de um grupo vocal amador, normalmente, é um ambiente **alegre e divertido**. O canto precisa desse cenário repleto de inspiração emocional. Não podemos cantar tristes e aborrecidos. Costumamos estar motivados e interessados nesse processo de transformação, que provém do efeito da música e do canto coletivo. As emoções positivas são importantes para a potencialização do canto pleno positivo;

2) As apresentações de coral de empresa representam um grupo de pessoas amadoras e voluntárias que abraçam e se engajam em um projeto musical da empresa. São amadores, dedicados e comprometidos com eles mesmos. O sentimento de **orgulho** por diversas vezes é manifestado pelos participantes e principalmente pelo público de colegas ouvintes;

3) As apresentações de grupos vocais amadores e iniciantes, diferentes de outras modalidades musicais, são realizadas por todos os integrantes - ao mesmo tempo - sem destaque para um ou outro cantor. Essa é uma das experiências mais importantes da prática coral. Todos os integrantes são igualmente relevantes para a existência do grupo. Dessa forma, sem solos, destaques, comparações ou competições, o sentimento mais pungente que sentimos em grupos corais equilibrados, e potencializados pelas emoções positivas, é o sentimento de **gratidão**;

4) A ansiedade é um grande inimigo dos cantores. Ela atrapalha a respiração diafragmática, além de causar uma preocupação mental que afeta a memória e a *performance* musical. A **serenidade** é algo que deve ser alcançada logo cedo no grupo. Atividades que acalmam e, ao mesmo tempo geram atenção positiva, são muito importantes em corais. A realização de canções lentas e meditativas pode ajudar muito na potencialização da serenidade, causando comumente um resultado de êxtase nos cantores;

5) Os cantores de corais de empresa normalmente são amadores e não têm bagagem musical para acompanhar uma partitura musical. Partituras em forma de mapas mentais são muito adequadas para serem distribuídas dentro do grupo, assim o cantor pode escolher qual forma prefere usar; para se comunicar com a música. O **interesse** é algo que deve ser mantido vivo e ativo no grupo. Músicas que interessam aos cantores, formas lúdicas e produtivas de ensaio, metas possíveis e projetos variados serão fundamentais para o sucesso de um projeto em empresa. Se um ensaio de coral não despertar **interesse** nos cantores; ele não se manterá por muito tempo;

6) Cantores adultos comumente narram a importância do trabalho de equipe dentro do coral. As empresas, habitualmente, não conseguem conectar todos os funcionários em uma única visão ou uma única meta. Já em um coral, com uma música, a tonalidade, o ritmo, a cadência, a respiração coletiva, a situação é diferente: os cantores narram sempre a **admiração** e a **esperança** que eles sentem com o grupo e com o processo humano de transformação;

7) Outra constatação de emoção positiva se dá na observação de pessoas amadoras em música se tornando pessoas brilhantes na atividade do cantar. Essa doação de tempo e de energia, na construção coletiva de algo grandiosamente bonito e idealizado, promove em cada cantor uma intensa e profunda identificação. Um sentimento profundo de **amor** pela música, por si mesmo, pelo regente e pelos outros integrantes é observado constantemente no processo de grupos vocais e corais.

A plasticidade das emoções com música: Eu canto, logo sou feliz!

Para terminar esse texto, vamos conhecer algumas pesquisas das neurociências que podem ajudar arranjadores, regentes, produtores, cantores e músicos a refletirem sobre o fomento das emoções positivas, através de um repertório musical positivo e funcional.

✓ Os neurocientistas Oliver Sacks (EUA) e Steinbeis (Alemanha) comprovaram que a música realmente tem a capacidade de afetar nosso cérebro, nossos sentidos e nossas emoções;

✓ A descoberta de Roberto Bresin, apresentada na III Conferência de Neuromúsica, em Montreal, em 2008, afirma que a música contém informações que deflagram uma resposta emocional específica no cérebro, independentemente da personalidade, gosto ou treinamento dos envolvidos. Realmente, as pesquisas começam a provar que a música de fato constitui uma forma universal de comunicação;

✓ Os neurocientistas Nikolaus Steinbeis, do Instituto Max Planck para Cognição Humana e Ciências Cerebrais, e Stefan Koelsch, da Universidade de Sussex, na Inglaterra, usaram ressonância magnética funcional para mostrar que determinada área do cérebro respondia a acordes, mas não a palavras. A ativação desta área indica que a música pode ajudar a forjar laços sociais.

Segundo o Professor Oliver Saks, todos esses estudos avançados de neurologia com a utilização da música são fundamentais para o tratamento de pacientes e a reabilitação de saúde de qualquer pessoa. As pesquisas médicas e das neurociências ainda seguem o curso da investigação dos efeitos fisiológicos, hormonais e emocionais despertados pela música. Talvez nunca saibamos por que a música existe. Ainda assim, podemos usá-la para nos animar ou acalmar, amenizar dores e ansiedade ou formar vínculos.

Numa pesquisa realizada em 1985, por Katsh e Merle-Fishman, oitenta e cinco por cento (85%) dos cantores entrevistados disseram que **cantavam para mudar seu humor**. Reforçando essa visão da pesquisa, o *New Grove's Dictionary of Music and Musicians* diz que **cantar é uma maneira de expressar sentimentos profundos em relação a si mesmo e aos outros**.

Cantar preenche a necessidade humana de transmitir tanto pensamentos quanto sentimentos, numa forma mais completa do que a simples fala. Nesse contexto, a atividade de cantar em grupos vocais e corais se firma como um elemento de musicalização, socialização e de transformação humana. O canto em grupo, da mesma forma que o compartilhar de risos e lágrimas, dá ao participante uma sensação forte e concreta de coesão social e solidariedade.

Encontramos, em praticamente todas as culturas contemporâneas, o cantar em grupo como uma forma de ouvir a própria voz misturada com as vozes ao redor. Nesse sentido, cantar em grupo é uma metáfora da própria vida. Nossa voz é ouvida e a nossa identidade é construída em coletividade. Grupos vocais que amamos nos ajudam a expressar nossas necessidades, resgatando a felicidade e a plenitude em nossa existência.

Afinal, por que queremos realmente cantar em grupos vocais? Com certeza, para ser feliz agora mesmo! Você já tem o seu grupo vocal? Prepare-se para se apaixonar por essa arte!

Crismarie Hackenberg

Crismarie Hackenberg é pedagoga musical, formada em Licenciatura em Educação Artística (CBM-RJ). Mestranda em Psicologia na UCP, possui Pós-Graduação em Neurociências aplicada a Aprendizagem (UFRJ) e MBA em Psicologia Positiva (UCAM), além de coautora do livro *Psicologia Positiva - Teoria e Prática* Ed. Leader (2016). Diretora da empresa RioAcappella, desde 2000, tem um papel relevante no desenvolvimento da música popular brasileira *a cappella* no Brasil, com a criação dos Fóruns RioAcappella, realizados no Rio de Janeiro, entre 2001 e 2012. Desenvolveu, durante 15 anos, uma carreira artística de cantora e arranjadora vocal internacional como fundadora e integrante do sexteto vocal *a cappella* BR6, que ao longo de sua carreira recebeu 9 prêmios internacionais da organização mundial *CASA (The Contemporary A Cappella Society)* e da Associação de Críticos Independentes *RARB (The Recorded A Cappella Review Board)*, pelo valor artístico de sua produção fonográfica contida em quatro CDs (*MPB A Cappella vol. I e II, Here to Stay - Gershwin & Jobim e BR6 For All*). Teve sua presença marcada em festivais e *workshops* internacionais de música vocal na Europa, entre 2008 e 2014, e ainda atuou em 2016 como consultora artística da Rede Globo, no programa de televisão *A Cappella*. Nos dias de hoje, além de dirigir grupos vocais e corais de empresa, atua como consultora de projetos de música e qualidade de vida em empresas, desenvolve projetos de pesquisa na área de neuroeducação com música e treinamentos de comunicação para lideranças em empresas.

Seção Artigos Inéditos

Coordenação de artigos | Carlos Alberto Figueiredo
Coordenação de eventos | Jonas Hammar
Coordenação geral | Sérgio Sansão
Programação visual | Contágio Criação
Ilustrações | Kiti Soares

Este é um artigo inédito produzido sob encomenda por Observatório Coral Carioca. Sua impressão e reprodução estão autorizadas, desde que se mantenham o layout original e todos os créditos contidos neste arquivo PDF. A reprodução integral do artigo em outras mídias (sites, blogs, periódicos etc.) não está autorizada. A citação de trechos do artigo está sim autorizada, desde que todas as referências relativas à fonte e à autoria deste sejam devidamente creditadas.